
A Revolução Russa de 1905*

Piotr Kropotkin**

A Revolução Russa recentemente entrou em uma nova fase. A escuridão pairava sobre o país durante os meses de janeiro a abril. Agora tudo é uma esperança brilhante devido aos resultados inesperados das eleições para a Duma, que beneficiaram os radicais. Mas antes de falar das novas esperanças, vamos lançar um olhar sobre aquele período terrível e sombrio que o país acaba de viver.

Em cada revolução, uma série de levantes locais é sempre necessária para preparar o grande esforço bem-sucedido do povo. Assim foi na Rússia. Tivemos as revoltas locais em Moscou, nas províncias do Báltico, no Cáucaso e nas aldeias da Rússia Central. E cada uma dessas revoltas, permanecendo locais, foi seguida por uma terrível repressão.

A Greve Geral, declarada em Moscou em janeiro último, não teve sucesso. Os trabalhadores haviam sofrido muito durante a grande greve geral em outubro de 1905 e as greves parciais que se seguiram. E quando as provocações do governo obrigaram os operários de Moscou à greve, o movimento não generalizou. Apenas algumas fábricas no Presnya e algumas linhas ferroviárias se juntaram a ele. A Grande Ferrovia – Moscou a São Petersburgo – continuou a funcionar, e tropas foram trazidas para Moscou.

Quanto às tropas estacionadas na própria Moscou, elas mostraram sinais de profundo descontentamento e provavelmente teriam ficado do lado do povo se a greve fosse geral e uma multidão de 300.000 trabalhadores inundasse as ruas, como ocorreu em outubro passado. Mas quando viram que a Greve Geral havia fracassado, obedeceram aos comandantes.

* Tradução de Nildo Viana.

** Pensador anarquista representante da tendência anarco-comunista e autor de “*A Conquista do Pão*”; “*Ajuda Mútua*”; “*Campos, Fábricas e Oficinas*”; “*A Grande Revolução Francesa*”, entre outras obras.

E ainda a semana durante a qual um punhado de revolucionários armados – menos de 2.000 – e os operários em greve no Presnya lutaram contra a artilharia e os soldados, e quando vários quilômetros de barricadas foram construídos pela multidão – por homens e meninos nas ruas – esta semana provou o quão errados estavam todos os “revolucionários de lareira”¹ quando proclamaram a impossibilidade de guerrilhas de rua em uma revolução.

Quanto aos letões e estonianos nas províncias do Báltico, sua revolta contra seus arrogantes e gananciosos proprietários de terras alemães foi um grande movimento. Todos os camponeses e artesão das pequenas cidades desse grande país se levantaram. Eles nomearam seus próprios municípios, mandaram embora os juízes alemães, recusaram-se a trabalhar para os proprietários, não pagaram aluguéis. Em resumo, agiram como se fossem livres. E se seu levante finalmente foi afogado em sangue, isso mostrou pelo menos o que os camponeses devem fazer em toda a Rússia. Na verdade, a insurreição latente continua.

A repressão que se seguiu ao levante foi terrível. A imprensa britânica não divulgou um décimo das atrocidades cometidas pelas tropas imperiais nas províncias do Báltico, ao longo da linha férrea de Moscou a Kazan, no Cáucaso, na Sibéria ou nas aldeias russas. E quando tentamos dizer a verdade sobre essas atrocidades, seja em alguma revista inglesa muito lida, seja antes de grandes reuniões públicas, sempre sentimos a parede morta de alguma oposição inexplicável se erguendo contra nós. O tratado ou acordo celebrado há poucos dias entre os governos da Grã-Bretanha e da Rússia explica agora a causa da oposição à divulgação neste país de fatos que foram publicados abertamente nos jornais russos, na própria Rússia.

A repressão foi a história de um assassinato em massa, realizado sistematicamente pelas tropas, a sangue frio. A história moderna conhece apenas uma repressão igualmente selvagem: os assassinatos em massa pelo exército da burguesia em Paris após a derrota da Comuna, em maio de 1871. E, no entanto, esses assassinatos foram cometidos após uma luta feroz, à luz lúgubre do incêndio em Paris .

¹ Nome pejorativo para os supostos “revolucionários” que em momentos de revolução ficam em casa bem aquecidos ao lado de suas lareiras.

O destacamento do guarda que foi enviado ao longo da linha Moscou-Kazan não teve um único tiro disparado contra ele. Os revolucionários já haviam deixado a linha e se dispersado quando esse regimento chegou. Mas em todas as delegacias o coronel Minn, chefe desse destacamento, e seus oficiais disparavam em grupos de dez a trinta homens, simplesmente anotando seus nomes de listas fornecidas às tropas pela polícia secreta. Eles atiraram neles sem qualquer simulação de julgamento, ou mesmo de identificação. Eles atiraram em lotes, sem qualquer aviso. Atiraram de qualquer maneira, e por trás, no grupo amontoado. O coronel Minn atirou neles simplesmente com seu revólver.

Quanto aos camponeses das províncias bálticas, era ainda pior. Aldeias inteiras foram açoitadas. Aqueles homens que um senhorio local consideraria “perigosos” foram fuzilados no local, sem mais investigações – muitas vezes um filho por seu irmão, um irmão por outro, um Ivanovsky por um Ivanitsky... Foi uma orgia tão grande de açoites e mortes que um jovem oficial, tendo ele mesmo executado vários homens dessa maneira, atirou em si mesmo dia seguinte, quando ele percebeu o que tinha feito.

Na Sibéria, no Cáucaso, os horrores foram ainda mais revoltantes. E nas aldeias da Rússia, onde os camponeses deram mostras de inquietação, as mesmas execuções continuaram, por vezes com uma crueldade inimaginável, como foi, por exemplo, o caso em Tamboff, com a ajuda daquele governador, Luzhenovsky, a quem a heroica rapariga Spiridonova matou.

“Quando cheguei às aldeias e vi os velhos que ficaram loucos depois de terem sido torturados sob os chicotes, e quando falei com a mãe da menina que se jogou no poço depois que os cossacos a violaram, eu sentia que a vida era impossível enquanto aquele homem, Luzhenovsky, continuasse impune”.

Assim falou esta garota heroica em seu julgamento.

Mas o pior ainda iria acontecer. O mundo todo estremeceu ao saber das torturas a que foi submetida a senhorita Spiridonova pelo policial Zhdanoff e pelo oficial cossaco Abramoff após sua prisão. As torturas de nossos camaradas e irmãos Montjuich desaparecem diante dos sofrimentos que foram infligidos a essa garota. E por toda a Rússia recentemente houve um suspiro de satisfação quando aquele Abramoff foi morto e o revolucionário que matou aquela fera escapou, e novamente outro dia quando se soube que a outra fera, Zhdanoff, teve o mesmo destino.

A tristeza que prevalecia na Rússia quando o ministério Witte-Durnovo inaugurou o tiroteio em massa contra os rebeldes não podia ser descrita sem citar páginas dos jornais russos. Mais de 70.000 pessoas foram presas; as prisões estavam transbordando. Grupos de exilados começaram a ser enviados, como antigamente, por mera ordem da Administração, para a Sibéria. Os antigos exilados, retornando sob a anistia de 2 de novembro de 1905, encontrando-se no caminho de volta para casa os grupos dos exilados Witte-Durnovo. Os revolucionários de todas as seções do Partido Socialista, Socialistas Revolucionários, Anarquistas e até Social-Democratas usaram revólveres e bombas, e todos os dias se lia nos jornais russos que um, dois ou mais funcionários da Coroa foram mortos pelos revolucionários em vingança pelas atrocidades que cometeram.

Dezenas de homens e mulheres, como Spiridonova, as irmãs Izmailovitch, e tantas outras mulheres heroicas e homens jovens, sentiram-se cansados da vida sob esse sistema de governo asiático e fizeram o voto de vingança contra os algozes.

Foi nessas condições que se realizaram as eleições para a Duma. E agora os poucos partidários do czar precisavam descobrir que seus Sátrapas² haviam exagerado na opressão. Várias medidas foram tomadas pelo Governo para manipular as eleições de forma a conseguir uma esmagadora maioria a seu favor. Os candidatos liberais foram presos, as reuniões proibidas, os jornais confiscados – cada governador de uma província agindo como um Sátrapa persa sob sua própria responsabilidade. Aqueles que falaram ou procuraram os candidatos avançados foram revistados sem cerimônia e enviados para a prisão... E isso tudo significou apenas trabalho perdido!

Nestes três meses se desenvolveu uma reação com um ódio tão amargo contra o Governo que ninguém, a não ser os candidatos da oposição, tiveram qualquer hipótese de ser ouvidos e eleitos. “Você é contra essas feras ou a favor delas?” Esta foi a única pergunta realizada.

E os democratas constitucionais obtiveram uma esmagadora maioria na Duma, uma maioria tal que o governo russo está agora perplexo quanto ao que deve ser feito a seguir.

² Sátrapa era o nome dado aos governadores das províncias pérsias, chamadas satrapias, nos antigos impérios Aquemênida e Sassânida da Pérsia. Fora desse contexto, a palavra ganha o significado de “déspota” (em sentido amplo) ou “ditador” (NT).

Os Socialistas Revolucionários e os Social-democratas abstiveram-se de participar nas eleições e, portanto, há muito poucos Socialistas declarados na Duma. Mas, além disso, a Duma contém todos os burgueses radicais cujos nomes surgiram durante os últimos trinta anos como inimigos da autocracia.

O elemento mais interessante na Duma são os camponeses, que têm cerca de 120 representantes eleitos. Com exceção de uns trinta homens, que têm opiniões instáveis, os representantes camponeses estão absoluta e inteiramente com os radicais mais avançados em questões políticas, e com os operários socialistas em todas as demandas trabalhistas. Mas, além disso, colocam a grande questão – a maior do nosso século – a questão agrária.

“Ninguém que não cultive a terra por si mesmo tem direito à terra. Somente aqueles que nela trabalham com suas próprias mãos. E todos aqueles que o fazem, devem ter acesso à terra. A terra é propriedade da nação, e a nação deve dispor dele de acordo com suas necessidades”.

Esta é a opinião e a fé dele e nenhum economista de qualquer campo a abalará.

“Oitenta anos atrás, estávamos assentados nessas pradarias”, disse um desses camponeses outro dia.

“Essa terra era um deserto. Valorizamos toda esta região; mas metade dela foi tomada pelos latifundiários (de acordo com a lei, claro; mas nós, camponeses, não admitimos que uma lei possa ser uma lei porque é injusta). Foi tomada pelos proprietários, devemos recuperá-la”.

“Mas se você tomar essa terra, e houver outras aldeias na vizinhança que não têm terras além de seus pobres lotes, o que acontecerá?”

“Então eles têm direito a isso, assim como nós. Mas não os proprietários!”

Toda a questão social e toda a sabedoria socialista estão contidas nestas palavras simples.

“Se os camponeses tomarem as terras, os operários das fábricas aplicarão o mesmo raciocínio às fábricas!” exclamam os aterrorizados correspondentes dos jornais ingleses ao relatar tal conversa franca. Sim, eles vão. Sem dúvida, eles vão. Eles devem fazê-lo, pois se não o fizerem, toda a nossa civilização deve caminhar rumo à destruição e à ruína – tal como as civilizações romana, grega, egípcia e babilônica que desapareceram.

Outra característica importante. Os camponeses russos não confiam em seus representantes. Esses homens do arado compreenderam a essência do parlamentarismo melhor do que aqueles que cresceram gradualmente infectados pelo culto ao Parlamento. A eleição recaiu sobre este ou aquele homem; mas eles sabiam que não deviam confiar nele. A eleição é uma espécie de jogo de azar. E, portanto, vários delegados camponeses privados são agora vistos nas galerias da Duma russa, pois suas aldeias os enviaram para vigiar seus representantes no Parlamento. Eles sabem que esses representantes logo serão estragados e subornados de uma forma ou de outra. Então eles enviaram delegados – a maioria camponeses velhos e respeitados, sem o domínio da linguagem, sem serem do tipo dos profissionais da propaganda, homens que jamais seriam eleitos, mas que honestamente manterão seus olhos nos parlamentares.

No entanto, embora a Duma esteja junta há apenas alguns dias, cresce na Rússia um sentimento geral de que toda essa propaganda eleitoral ainda não é a coisa apropriada. “O que a Duma pode fazer?” eles perguntam por toda a Rússia. “Se o governo quiser, vão mandá-lo embora. Como podem 500 homens resistir ao governo, se ele decide mandá-los de volta para suas casas?”

E assim, em toda a Rússia, cresce a sensação de que o Parlamento e seus debates não são o caminho correto. É apenas uma preliminar de algo mais que está porvir. “Eles expressarão nossas necessidades; estarão de acordo em certas coisas”... Mas cresce na Rússia uma sensação de que a ação terá que emergir do povo.

E o trabalho subterrâneo, o trabalho lento de amadurecimento convicções e de união, continua em toda a Rússia como uma preparação para algo infinitamente mais importante do que todos os debates da Duma.

Eles nem pronunciam o nome dessa coisa mais importante. Talvez a maioria deles nem sabe seu nome. Mas nós sabemos e podemos dizer. É a Revolução: o único remédio real para reparar as injustiças.